SÉRIE FLUZZ VOLUME 7

AUGUSTO DE FRANCO

OS MANTENEDORES DO VELHO MUNDO

Escola de Redes

OS MANTENEDORES DO VELHO MUNDO

OS MANTENEDORES DO VELHO MUNDO

SÉRIE FLUZZ VOLUME 7

AUGUSTO DE FRANCO

Escola de Redes

OS MANTENEDORES DO VELHO MUNDO

Augusto de Franco, 2012.

Versão Beta, sem revisão.

A versão digital desta obra foi entregue ao Domínio Público, editada com o selo Escola-de-Redes por decisão unilateral do autor.

Domínio Público, neste caso, significa que não há, em relação a versão digital desta obra, nenhum direito reservado e protegido, a não ser o direito moral de o autor ser reconhecido pela sua criação. É permitida a sua reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia. Assim, a versão digital desta obra pode ser – na sua forma original ou modificada – copiada, impressa, editada, publicada e distribuída com fins lucrativos (vendida) ou sem fins lucrativos. Só não pode ser omitida a autoria da versão original.

FRANCO, Augusto de

OS MANTENEDORES DO VELHO MUNDO / Augusto de Franco – São Paulo: 2012.

46 p. A4 – (Escola de Redes; 14)

1. Redes sociais. 2. Organizações. 3. Escola de Redes. I. Título.

Escola-de-Redes é uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de *netweaving*.

http://escoladeredes.net

Sumário

Introdução | 9

Ensinadores | 12

Mestres e gurus | 19

Codificadores de doutrinas | 23

Aprisionadores de corpos | 25

Construtores de pirâmides | 28

Fabricantes de guerras | 32

Condutores de rebanhos | 34

Notas e referências | 38

Introdução

A Força era um conceito complexo e difícil.
A Força estava enraizada no equilíbrio de todas as coisas,
E todo movimento dentro de seu fluxo
arriscava um desequilíbrio nessa harmonia.
Terry Brooks em *Star Wars* Episódio I: A Ameaça Fantasma (1999)

A força (Te) não é (um querer) induzir alguém
(ou alguma coisa) a seguir um caminho prefigurado
e sim (um deixar) fluir com o curso (Tao).
O autor em Desobedeça (2010)

CONHECIMENTO ATESTADO POR TÍTULOS, fama, riqueza e poder são indicadores de sucesso adequados às sociedades hierárquicas. São coisas que só alguns podem ter, não todos. São coisas que alguns podem ter em detrimento dos outros. Assim o sábio se destaca dos ignorantes (ou o titulado do não titulado, até na cadeia), o famoso não se mistura com o zé-ninguém, o rico vive entre os ricos para ficar mais rico e não se relaciona com o pobre (que – como sabemos – só continua pobre porque

seus amigos são pobres) e o poderoso só consegue exercer seu poder porque os que (acham que) não têm poder lhe prestam obediência. Os critérios de sucesso competitivo são, na verdade, mais do que indicadores: são ordenações da sociedade hierárquica.

O fato é que, os que tiveram sucesso ou venceram no mundo do comando-e-controle, em grande parte, venceram aplicando esquemas de comando-e-controle. Venceram – e foram reconhecidos como vencedores – *porque* aplicaram esquemas de comando-e-controle; ou seja, porque replicaram um determinado padrão de ordem (e, para tanto, é como se tivessem recebido uma ordenação).

Dentre os que fazem sucesso na sociedade hierárquica e de massa encontram-se, é claro, pessoas esforçadas, criativas ou inovadoras, talentos extraordinários e gênios incontestes. Mas estão lá também – em número tão grande para derrubar o mito de que o sucesso é um prêmio pelo talento – os agentes reprodutores desse tipo de sociedade, como, por exemplo, os colecionadores de diplomas, os vendedores de ilusões, os marqueteiros de si mesmos, os aprisionadores de corpos, os ensinadores ou burocratas sacerdotais do conhecimento, os codificadores de doutrinas, os aprisionadores de corpos, os construtores de pirâmides, os fabricantes de guerras e os condutores de rebanhos.

Não se trata de inculpar esses tipos por todo mal que assola a humanidade. Eles são apenas agentes inconscientes da reprodução do sistema. Eles não existem propriamente como indivíduos. Não adianta para nada tentar nomeá-los: eles *são legião* (Mc 5: 9), entidades

inumeráveis configuradas nas redes sociais, quando campos perturbados pela presença da hierarquia aglomeram e enxameiam no contra-fluzz (*).

Ensinadores

Os primeiros ensinadores – os sacerdotes – ensinavam para reproduzir (ou multiplicar os agentes capazes de manter) seu próprio estamento

ENSINADORES SÃO OS QUE COMPÕEM a burocracia privatizadora do conhecimento: aquela casta sacerdotal que constitui as escolas e academias.

Os ensinadores surgiram naquela noite dos tempos que o matemático Ralph Abraham (1992) chamou de "precedente sumeriano" (1).

É surpreendente constatar, como fizeram Joseph Campbell, Samuel Noah Kramer e outros renomados sumeriologistas, que os elementos centrais da nossa cultura, dita civilizada, compareciam em uma espécie de modelo ou protótipo ensaiado em complexos do tipo cidade-templo-Estado como Eridu, Nippur, Uruk, Kish, Acad, Lagash, Ur, Larsa e Babilônia. Esse modelo já estava em pleno funcionamento, segundo interpretações de relatos que não puderam ser contestadas, a partir do quarto milênio. Em particular a obra de Kramer (1956): "A história começa na Suméria", revela as raízes sumerianas do atual padrão civilizatório (2).

Joseph Campbell (1959), em "As Máscaras de Deus", redigiu uma espécie de termo de referência para esta investigação (3):

"Um importante desenvolvimento, repleto de significado e promessas para a história da humanidade nas civilizações por vir, ocorreu... [por volta] (de 4.000 a. C.), quando algumas aldeias camponesas começaram a assumir o tamanho e a função de cidades mercantis e houve uma expansão da área cultural... pelas planícies lodosas da Mesopotâmia ribeirinha. Esse é o período em que a misteriosa raça dos sumérios apareceu pela primeira vez em cena, para estabelecer-se nos terrenos das planícies tórridas do delta do Tigre e do Eufrates, que se tornariam em breve as cidades reais de Ur, Kish, Lagash, Eridu, Sipar, Shuruppak, Nipur e Erech... E então, de súbito... surge naquela pequena região lodosa suméria – como se as flores de suas minúsculas cidades subitamente vicejassem – toda a síndrome cultural que a partir de então constituiu a unidade germinal de todas as civilizações avançadas do mundo. E não podemos atribuir esse evento a qualquer conquista da mentalidade de simples camponeses. Tampouco foi a consequência mecânica de um mero acúmulo de artefatos materiais, economicamente determinados. Foi a criação factual e claramente consciente (isto pode ser afirmado com total certeza) da mente e ciência de uma nova ordem de humanidade que jamais havia surgido na história da espécie humana: o profissional de tempo integral, iniciado e estritamente arregimentado, sacerdote de templo".

Respeitados estudiosos confessam até hoje sua perplexidade diante da constelação desse 'precedente sumeriano' (para insistir na feliz expressão do matemático Ralph Abraham). É o caso, por exemplo, da antropóloga e

assirióloga Gwendolyn Leick, que leciona em Richmond (Londres). No seu "Mesopotâmia: a invenção da cidade" (2001), ela declara que "*muito se tem escrito sobre o "súbito" aparecimento dos sumérios na Mesopotâmia e suas possíveis origens...* [mas] *a questão da origem dos sumérios continua aguardando solução, e tudo o que podemos dizer é que, no início do Primeiro Dinástico, sua língua foi escolhida para ser vertida em escrita. Talvez os sumérios se tivessem tornado politicamente dominantes e exercido o controle dos centros de formação de escribas nas primeiras cidades*" (5).

Essa casta ou estamento – composta pela burocracia sacerdotal que administrava as nascentes cidades-templo-Estado sumerianas – configurou o primeiro padrão de transmissão de ensinamento. Ensinavam como um imperativo para reproduzir seu próprio ensinamento; quer dizer, ensinavam para reproduzir (ou multiplicar os agentes capazes de manter) seu próprio estamento.

Por quê? Ora, porque o livre aprendizado na rede social de então não seria capaz de cumprir tal função, que nada tinha a ver com sua sobrevivência ou com sua convivência. Não se tem notícia de escola, ensino ou professores em sociedades de parceria. Quando a rede social foi subitamente centralizada pela configuração particular que se constelou com o surgimento do complexo cidade-templo-Estado, os programas verticalizadores que começaram a rodar nessa rede eram replicados em outras regiões do espaço e do tempo pela transmissão-recepção de seus códigos – e já havia programas elaborados, como os que os sumérios denominavam 'me' (6) – aos membros do mesmo grupo social.

Ou seja: já havia um ensinamento (secreto, por certo, acessível somente aos membros do estamento). Já havia ensinantes (os primeiros professores, membros da casta sacerdotal) e ensinados (os futuros administradores em formação).

Essa hipótese é fortalecida pela investigação das origens da Kabbalah. O símbolo central desse sistema de sabedoria – a chamada "Árvore da Vida" – foi, sem dúvida, herdado do simbolismo templário do complexo Templo-Estado sumeriano, o qual deve ter passado ao judaísmo posterior por intermédio da Golah – a organização dos cativos (sequestrados nas elites de Jerusalém) na Babilônia sob o reinado de Nabucodonozor e seu sucessor.

Não se sabe a origem da 'árvore da vida', mas ela aparece nas imagens da tamareira gravadas nas mais antigas tabuinhas sumerianas encontradas pelos escavadores. E aparece também – com o mesmo esquema, que depois foi transmitido pela tradição (cabalística) – na forma de uma nave, ladeada por dois seres alados (com cabeças de águia). Uma nave – talvez como as naves dos templos, até hoje – que não sai do lugar, mas por meio da qual se pode "viajar" para os céus caso se tenha acesso ao "combustível" adequado: ao "fruto da vida" e à "água da vida"...

O mesmo *schema* básico da árvore da vida, representada em vários mundos que se interceptam (os da emanação, da criação, da formação e do produzir) compõe o que foi chamado de "Escada de Jacó", uma escada pela qual os mensageiros – ou as mensagens – podem subir e descer estabelecendo os fluxos entre o céu e a terra. *Isto é anisotropia*: o céu, é

claro, fica em cima; a transmissão, é claro, é *top down*. E o esquema é mais centralizado que distribuído (7).

Essa ideologia de raiz babilônica (suméria) que, quase dois milênios depois, foi se chamar de Kabbalah (cabala), na Idade Média europeia, fez uma operação tremenda de "engenharia memética" no símbolo original, ressignificando a árvore da vida como uma "árvore do conhecimento", quer dizer, tomando a vida pelo conhecimento da vida e do que com ela foi feito... Isso significa obstruir o acesso à vida, facultando-o somente aos que possuem o conhecimento (aquilo que a cabala chamou de "ensinamento" e que é transmitido então em uma cadeia, tida por ininterrupta, que começa com o arquimensageiro Raziel, passa para Enoc – o escriba, não por acaso – e daí para os patriarcas e para os sacerdotes). Kabbalah vai designar, então, essa tradição sacerdotal: condução (transmissão-recepção) do ensinamento original por parte daqueles que são capazes de reproduzir esse mesmo padrão de ordem sagrada, isto é, separada do vulgo, do profano, daquele que não foi ordenado.

Isso tudo não somente fez, mas faz ainda, parte de uma experiência fundante de verticalização do mundo, que prossegue enquanto a tradição permanece ou se refunda toda vez que o meme é replicado. *Do ponto de vista da memegonia, aqui pode estar a origem da relação mestre-discípulo ou professor-aluno*.

Não foi a toa que uma mente arguta como a de Harold Bloom (1975) – ecoando, aliás, o que dizia o erudito Gershom Scholem – percebeu que Kabbalah era uma ideologia de professores. Na origem de tudo está... uma

Instrução: "*o Ein-Sof instrui a Si mesmo através da concentração... Deus ensina a Si mesmo o Seu próprio Nome, e, dessa forma, começa a criação*" (8).

Nessa memegonia, Deus é o primeiro professor e o ato de ensinar está na raiz do ato de criar o mundo. O conhecimento (via ensinamento) – e não a existência e a vida – é o objetivo: a origem e o alvo. Deus cria o mundo para se conhecer. Mas para se conhecer ele ensina, não aprende. Logo, seus "delegados", ou intermediários (os sacerdotes), também ensinam. Todo *corpus* sacerdotal é docente.

É por isso que há uma enorme dificuldade de conciliar visões próprias de sistemas tradicionais de sabedoria com a visão-fluzz das redes de aprendizagem. A tradição - dita espiritual - com raras exceções (como o Tao, mas não o taoismo; como o Zen - esse formidável sistema de desconstituição de certezas -, mas não o budismo) em geral replicou atitudes míticas, sacerdotais, hierárquicas e autocráticas. Maturana levantou a hipótese da "brecha" (na civilização patriarcal e guerreira) para mostrar como pôde ter surgido a democracia (9).

Mas, na verdade, não foi só a democracia que penetrou pela "brecha": vertentes utópicas, proféticas, autônomas e democráticas floresceram ao longo da história e continuam florescendo - intermitentemente - toda vez que comunidades conseguem estabelecer uma interface para conversar com a rede-mãe (10). Essas duas vertentes permaneceram e ainda permanecem em permanente tensão.

O professor como transmissor de ensinamento e a escola como aparato separado (sagrado na linguagem sumeriana) surgiram, inegavelmente, como instrumentos de reprodução de programas centralizadores que foram instalados para verticalizar a rede-mãe.

De certo modo, os deuses do panteão patriarcal e guerreiro foram os primeiros programas meméticos centralizadores (11). O tardio IHVH bíblico – ensinador – encarna uma rotina desses programas (e é representado por uma das sefirot – um evento – na 'árvore da vida' ressignificada, no mundo da emanação).

Como os deuses do panteão patriarcal e guerreiro da Mesopotâmia do período Uruk (c. 4000-3200) – período sucedido, logo em seguida, não por acaso, pela escrita (no Primeiro Dinástico I: c. 3000-2750) – *foram criados à imagem e semelhança dos homens que começaram a se organizar segundo padrões hierárquicos*, tudo isso é muito relevante para entendermos que a transmissão do ensinamento já foi fundada, de certo modo, em contraposição ao livre aprendizado humano na rede social muito menos centralizada (ou até, quem sabe, distribuída) dos períodos pré-históricos anteriores (desde, pelo menos, o Neolítico).

Para essas sociedades de dominação, nada de aprender (inventar). Era preciso ensinar (para replicar). E por isso ensinadores são mantenedores do velho mundo.

Mestres e gurus

Todos são mestres uns dos outros enquanto se polinizam mutuamente

HÁ TAMBÉM OS QUE – por fora dos sistemas formais de ensino – ainda se intitulam (ou são por alguém intitulados de) mestres ou gurus. Alguns são ordenados para tanto, quer dizer, têm reconhecida, *sempre* por uma organização hierárquica, sua capacidade de reproduzir uma determinada ordem *top down*. E querem então imprimi-lo, emprenhá-lo, ou seja, enxertar suas ideias-implante em você, para que você se torne também um transmissor desse "vírus".

É claro que existem outras interpretações do papel do mestre. Osho, por exemplo, tentando explicar a correta intolerância de Krishnamurti com os que se anunciam ou eram anunciados como mestres ou gurus coloca outra perspectiva ao dizer que *"um mestre não o ensina, ele simplesmente torna o seu ser disponível para você e espera que você também faça o mesmo"*.

E aí vem a justificativa: "*A menos que algum raio do além entre em seu ser, a menos que você prove algo do transcendental, até mesmo o desejo de ser liberado não aparecerá em você. Um mestre não lhe dá a liberação,*

ele cria um desejo apaixonado pela liberação". A justificativa é que *"será muito difícil, quase impossível, fazer isso por conta própria"* (12).

Mas quem disse que isso teria que ser feito "por contra própria"? Ao tentar justificar sua crítica a Krishnamurti, Osho enveredou por um viés psicológico individual. Ele não teria se curado do trauma de ter sido "*educado por pessoas muito autoritárias... professores, talvez, mas não mestres".* Então Osho afirma que tudo isso *"foi demais* [para Krishnamurti] *e ele não pode esquecê-los e não pôde perdoá-los*" (13).

No fundo, tudo isso soa mais como uma tentativa de salvar uma função pretérita, resgatar um papel arcaico que, em alguma época, funcionou de fato assim como ele, Osho, diz, porém em mundos de baixa conectividade social.

Já foi dito aqui que na medida em que vida humana e convivência social se aproximam (nos mundos altamente conectados) somos obrigados a mudar nossas interpretações. E que isso entra em choque com as tradições espirituais que diziam que *quando o discípulo está preparado o mestre aparece*. De certo modo é justo o contrário: o discípulo desaparece quando desaparece a escola (quer dizer o ensinamento) e com ele vai-se também o mestre.

Isso – para alguns – é um escândalo. Nos *Highly Connected Worlds* quem lhe reconhece é o simbionte social, se você se sintonizar suficientemente com a rede-mãe. Não é um representante da tradição, não é um membro de uma casta sacerdotal ou de alguma hierarquia docente, nem mesmo um indivíduo que despertou antes de você – a não ser que essa pessoa

(*uma pessoa*) seja a porta para que você possa entrar em outros mundos. Mas neste caso essa pessoa – eis o ponto! – pode ser *qualquer pessoa* que esteja conectada a esses mundos onde você quer entrar.

Se alguém pudesse recuar antes (e o que seria antes?) daquela noite dos tempos em que a rede-mãe começou a rodar programas verticalizadores e pudesse dizer como uma comunidade conseguia entrar em sintonia com o simbionte natural (que talvez se confundisse – em sociedades de parceria, pré-patriarcais, quem sabe em algum momento do Neolítico – com a rede-mãe: síntese simbolizada na figura da grande mãe ou da deusa), talvez pudesse nos sugerir algum processo para reinventarmos tal sintonia com o simbionte social (o superorganismo humano). Mas, fosse qual fosse, sua resposta seria enxame (múltiplos caminhos em efervescência) e não indivíduo no caminho em busca da unidade perdida ou da sua origem celeste.

Não vale fazer recuar a noite dos tempos em que surgiram os sistemas míticos-sacerdotais-hierárquicos-autocráticos para colocá-los na origem de tudo com o fito de transformar a origem terrestre do humano em uma origem celeste. Essa operação ideológica, urdida por esses mesmos sistemas, legitima o mestre como um veículo, um emissário, um representante da suposta origem celeste (ainda quando existam mestres que reneguem tudo isso).

No enxame você já é um mestre, todos são mestres uns dos outros enquanto não apenas buscam, mas se polinizam mutuamente e isso quer dizer que não existe *um*, não existe *aquele* mestre.

Mestres – como ensinadores – são mantenedores do velho mundo. Mesmo quando recusam tal papel, eles abrem caminho para os codificadores de doutrinas, aqueles cavadores de sulcos para fazer escorrer por eles as coisas que ainda virão.

Codificadores de doutrinas

Eles produzem narrativas para que você veja o mundo a partir da sua ótica, quer dizer, para que você não veja os múltiplos mundos existentes

CODIFICADORES DE DOUTRINAS são todos aqueles que querem pavimentar, com as suas crenças religiosas (e sempre o são, mesmo quando se declaram laicas), *uma* estrada para o futuro. *Eles produzem narrativas ideológicas totalizantes para que você veja o mundo a partir da sua ótica, quer dizer, para que você não veja os múltiplos mundos existentes*, mas apenas um mundo (o mundo arquitetado e administrado por eles: uma prisão para a sua imaginação).

Quando são (explicitamente) religiosos, os codificadores de doutrinas fornecem a justificativa para a ereção de igrejas e seitas. Quando são políticos, urdem a base conceitual para a formação de correntes e grupos de opinião onde a (livre) opinião propriamente dita não conta para quase nada: o que conta é a ortodoxia de uma opinião oficial ou canônica, a qual tentam autenticar apelando para a revelação ou para a ciência. Em todos os casos são engenheiros meméticos, manipuladores de ideias que inventam passado para legitimar certos caminhos (e deslegitimar outros) para o futuro. Fazem isso para controlar o seu futuro, para levá-lo (a sua alma ou o seu corpo) para algum lugar supostamente melhor, para um

paraíso no céu ou na terra, quando, eles mesmos, não podem conhecer tal caminho (simplesmente porque não existe *um* caminho).

Codificadores de doutrinas abrem espaço para a ereção de igrejas, muitas vezes em contraposição à experiência fundante ou à suposta revelação que tomam como referência. É assim que os franciscanos, hoje "puxando dinheiro com rodo" (como dizia Frei Mateus Rocha, nos idos de 1970) (14), executam exatamente o contrário do que pregava *il poverello d'Assisi* (1182-1226). Tanto faz se tais igrejas são religiosas ou laicas: Paulo de Tarso (com o cristianismo) e Inácio de Antioquia (com a igreja católica) cumprem funções análogas às de Lenin (com o materialismo dialético e o materialismo histórico) e Stalin (com o PCUS) ou Trotski (com a Quarta Internacional).

Os codificadores de doutrinas também são ensinadores e, de certo modo, gurus (no sentido em que a palavra é empregada atualmente). São os abastecedores dos ensinadores que, em geral, transmitem ensinamentos que já foram codificados por eles. São, portanto, os verdadeiros fundadores de escolas, conquanto frequentemente dizendo-se a serviço de um fundador já desaparecido (ou nunca aparecido).

Aprisionadores de corpos

O fundamental para os aprisionadores de corpos é manter seus trabalhadores fora do caos criativo

APRISIONADORES DE CORPOS são aqueles que, não contentes em usar, comprar ou alugar, sua inteligência humana (que não tem preço), querem também mantê-lo cativo, fisicamente, nos seus prédios ou cercados. São feitores: antes usavam o chicote; hoje usam o relógio ou o livro de ponto, o crachá magnético ou o banco de horas. Nas empresas ou organizações hierárquicas, sejam privadas ou públicas, sequestram seu corpo para manter você por perto, para poder vigiá-lo, para terem certeza de que você está de fato trabalhando para eles (que coisa, *heim?*). Não precisavam fazer isso se o seu objetivo fosse o de articular um trabalho coletivo compartilhado. Mas o objetivo deles não é, na verdade, compartilhar nada com outros seres humanos e sim controlá-los-e-comandá-los, em certo sentido desumanizá-los, embotando sua inteligência, castrando sua criatividade, alquebrando sua vontade, para poder usá-los como objetos, para terem-nos disponíveis, sempre à mão, tantas horas por dia: querem um rebanho de servos de prontidão para lhes fazer as vontades. Se quisessem que as pessoas trabalhassem *com*-eles e não *para*-eles não seria necessário – na imensa maioria dos casos –

aprisionar os seus corpos: bastaria estabelecer uma agenda conjunta, com tarefas e prazos.

Mais de 90% dos empregadores são aprisionadores de corpos. Chefes de repartições governamentais, administradores de empresas e "donos" de ONGs costumam ser aprisionadores de corpos. Se as pessoas não tivessem que dormir e as leis permitissem, gostariam que elas ficassem à sua disposição o tempo todo: – *24 horas: tum, tum, tum...*

Ainda quando dizem o contrário, eles não querem que você empreenda, seja criativo, construa produtos ou processos inovadores e realize coisas maravilhosas e sim que você trabalhe. Querem trabalho = repetição e execução de ordens. Se quisessem criação, inovação, não lhe imporiam agendas estranhas (que você não teve oportunidade de coconstruir), não lhe retalhariam o tempo em unidades controláveis, com horários rígidos de entrada e saída em algum espaço murado. Dariam a seus colaboradores (a todos) as melhores condições para inovar (alugariam, quem sabe, uma casa em uma ilha paradisíaca, em uma chácara aprazível ou mesmo em um bosque urbano, um horto, cultivariam jardins... em suma, não organizariam e decorariam seus locais – de trabalho – de modo tão horrendo, sem cores, sem arte, tudo cinza, quadrado, como uma prisão mesmo, ou um convento) e, sobretudo, não reduziriam sua mobilidade: uma dimensão essencial da sua liberdade para criar.

O fundamental para os aprisionadores de corpos é manter seus trabalhadores fora do caos criativo, protegê-los do seu próprio espírito

empreendedor. Então, para esterilizá-lo, colocam você na pirâmide. Sim, aprisionadores de corpos são também construtores de pirâmides.

Construtores de pirâmides

O indivíduo não é o átomo social; para ser social é preciso ser molécula

OS CONSTRUTORES DE PIRÂMIDES também surgiram naquela noite dos tempos em que a rede-mãe passou a rodar programas verticalizadores. Talvez os primeiros construtores de pirâmides tenham sido mesmo os... construtores de pirâmides, não apenas as do Egito, mas também os zigurates mesopotâmicos. Mas todas as pirâmides que vêm sendo construídas ao longo do chamado período civilizado evocam o mesmo padrão vertical surgido pela perturbação do campo social introduzida pela hierarquia. Não são, entretanto, apenas arquitetos, engenheiros e mestres de obra que projetam, comandam e controlam o trabalho de erigir construções físicas. Construtores de pirâmides são os que erigem organizações hierárquicas de todo tipo para mandar nos outros e obrigá-los a fazer (ou deixar de fazer) coisas contra a sua vontade ou sem o seu assentimento ou consentimento ativo.

São os chefes de instituições hierárquicas. São organizadores de pessoas como se pessoas fossem coisas. Toda organização hierárquica é uma arquitetura com pessoas, uma construção forçada, coisificante, onde as pessoas são tratadas como tijolos ou outro material qualquer: – *Então*

colocamos uma aqui, outra em cima dessa, outra abaixo, bem ali; ôpa! Cuidado, não está encaixando bem; então quebra um pedaço aqui, desbasta ali, martela com força que entra...

Replicadores e trancadores são construtores de pirâmides. Replicadores são todos os que se dedicam a repetir uma ordem pretérita. São, portanto, ensinadores ("estações repetidoras" do que foi forjado, em geral, pelos codificadores de doutrinas). Para exercer tal papel, entretanto, eles constroem, invariavelmente, estruturas centralizadas ou verticalizadas – sejam escolas, sociedades, maçonarias e assemelhadas, partidos ou corporações ou qualquer outra burocracia que viva da repetição e da inculcação de um conjunto de ideias ou visões de mundo urdidas para prorrogar passado – e, nesse sentido, são construtores de pirâmides.

Trancadores são os que privatizam bens que poderiam ser comuns (ou que não poderiam ser trancados, como o conhecimento). Trancadores de conhecimento são, por exemplo, os que defendem o domínio privado sobre o conhecimento, como as leis de patentes e o famigerado *copyright*.

Um dos tipos contemporâneos de trancadores – relevante pelo efeito devastador que sua atividade provoca na antessala de uma época-fluzz – são os trancadores de códigos, que estão entre os mais bem-sucedidos inventores de *softwares* proprietários da atualidade Ao construírem caixas-pretas para esconder seus algoritmos (como fazem os donos do Google ou do Twitter) ou para montar seus alçapões de dados (como faz o dono do Facebook), eles acabam tendo que construir pirâmides para

proteger suas operações centralizadoras da rede social. Não é por acaso que as plataformas que desenham a partir de uma instância proprietária tentem disciplinar a interação. Essa é a razão pela qual as plataformas ditas interativas de que dispomos não são suficientemente interativas (*i-based*), posto que baseadas na adesão e, no máximo, na participação (envolvendo sempre algum tipo de escolha de preferências geradora de escassez) e no arquivamento de passado (para aumentar o repositório ao qual, a rigor, só os proprietários dessas plataformas têm pleno acesso na medida em que só eles podem programá-las sem restrições).

E essa é também a razão pela qual tais plataformas deseducam (se se pode falar assim) seus usuários (a palavra – 'usuário' – já é horrível do ponto de vista da interação) para as redes distribuídas. Então uma pessoa entra em alguma dessas plataformas e tende a achar que a sua página é o seu espaço proprietário a partir do qual ela vai interagir. *Em vez de entrar em um fluxo, ela se aboleta no seu bunker* (às vezes chamado de 'Minha Página') e é induzida a achar que ali pode colocar todos os seus vídeos, suas fotos, seus eventos e seus *posts*, independentemente do que está rolando na rede que usa tal plataforma como ferramenta de *netweaving* e, não raro, sente-se até ofendida quando alguém lhe lembra de que o concurso de Miss Universo não tem muito a ver com astrofísica.

A solução para tal problema não é "fugir para trás", voltando aos blogs, como sonham alguns. Ainda que a blogosfera seja de fato, no seu conjunto, uma rede distribuída, os blogs, em si, não se estruturam de modo distribuído. Em geral são organizações fechadas, que não admitem interação a não ser com aprovação prévia dos seus donos (por meio da

chamada “mediação de comentários”). Mesmo quando são abertos a qualquer comentário, os blogs são piramidezinhas, espécies de reinados do eu-sozinho. Não são bons instrumentos de *netweaving* de redes sociais distribuídas na medida em que não são, eles próprios, redes distribuídas.

Não existem tecnologias de *netweaving* capazes de colocar um conjunto de blogs em um meio eficaz de interação. Ademais, a mentalidade dos *bloggers* não acompanhou a inovação que, objetivamente, sua atividade representa. E muitos daqueles que fazem o proselitismo das redes distribuídas nos seus blogs, organizam, lá no seu quadrado, suas igrejinhas hiper-centralizadas, algumas vezes quase-monárquicas (15). Ou seja, são também construtores de pirâmides.

O que está por trás disso tudo é *a idéia de que o indivíduo é o átomo social, quando, na verdade, para ser social, é preciso ser molécula.* Pessoas são produtos de interação e não unidades anteriores à interação.

Fabricantes de guerras

O único inimigo que existe é o fazedor de inimigos

FABRICANTES DE GUERRAS são, *stricto sensu*, os chefes militares e, *lato sensu*, os que pervertem a política como arte da guerra e os que se entregam à competição adversarial tendo como objetivo destruir seus concorrentes. São, todos, predadores. O predador (humano) é uma máquina de converter o semelhante em inimigo. Mas é preciso considerar que não existem inimigos naturais ou permanentes: toda inimizade é circunstancial e pode ser desconstituída pela aceitação do outro no próprio espaço de vida, pelo acolhimento, pelo diálogo, pela cooperação. Assim, *o (único) inimigo que existe mesmo é o fazedor de inimigos*.

Na civilização patriarcal e guerreira viramos seres cindidos interiormente. O predador é um produto dessa quebra da unidade sinérgica do simbionte (que poderemos ser no futuro, se anteciparmos esse futuro). Preda porque quer recuperar, devorando, suas contrapartes, em um ritual antropofágico em busca da unidade perdida (aquela *origem que é o alvo*, para usar a expressão de Karl Kraus). É por isso que nos apegamos tanto à guerra do bem contra o mal. Mas o problema, como disse Schmookler, é que *"o recurso da guerra é em si o mal"* (16).

Toda vez que você quer triunfar sobre o mal, combater o bom combate, derrotar o “lado negro da Força”, você fabrica guerra. Estatistas, hegemonistas, conquistadores, vencedores são – todos – fabricantes de guerras. Toda vez que você olha o mundo como um terreno inóspito, como uma ameaça, como algo a enfrentar, você fabrica guerra. Estrategistas de qualquer tipo, sejam ou não justificáveis seus esforços – chamem-se Winston Churchill ou Michel Porter –, são fabricantes de guerras. Boa parte dos incensados consultores de empresas da atualidade são fabricantes de guerras: apenas deslizam conceitos da arte da guerra para as estratégias empresariais que transformam o concorrente em inimigo.

É claro que tudo isso revela uma não-aceitação da democracia. A guerra é sempre um modo autocrático de regulação de conflitos, seja a guerra declarada ou aberta, seja a guerra fria, seja a política praticada como arte da guerra, seja a concorrência empresarial adversarial que trata o outro como inimigo.

Condutores de rebanhos

O modo intransitivo de fluição que gera o fenômeno da popularidade do líder de massas é uma sociopatia

CONDUTORES DE REBANHOS são, em geral, os líderes que alcançaram popularidade pelo *broadcasting* para guiar as massas. Algumas vezes esses líderes são carismáticos e se dedicam a mesmerizar multidões em comícios, reuniões e manifestações. Ou pela TV e pelo rádio. Quase sempre são pessoas "pesadas", que usam sua *gravitatem* em benefício próprio ou de um grupo, para reter em suas mãos o poder pelo maior tempo que for possível, transformando os outros em seus satélites. E odeiam os princípios de rotatividade ou alternância democrática. Considere-se que, do ponto de vista social (ou coletivo, da rede), *o modo intransitivo de fluição que gera o fenômeno da popularidade do líder de massas é uma sociopatia.*

O liderancismo é uma praga que vem contaminando as organizações de todos os setores: segundo tal ideologia, a liderança só é boa se não puder ser exercida por todos, só por alguns. Assim, não se deve estimular a multi-liderança, senão afirmar a precedência da mono-liderança, do líder providencial e permanente, a prevalência do mesmo líder em todos os

assuntos e atividades, como se essa – a liderança – fosse uma qualidade rara, de origem genética ou fruto de uma unção extra-humana.

Condutores de rebanhos se dirigem sempre às massas – não às pessoas – com o objetivo de comandá-las e controlá-las, sejam ditadores ou manipuladores. São marqueteiros de si-mesmos e, como tais, vendedores de ilusões (diga-se o que se quiser dizer, o *marketing* é uma atividade muito problemática, que não visa formar novas identidades a partir da construção de pactos com os *stakeholders* de uma determinada iniciativa e sim disseminar, via de regra por *broadcasting*, alguma ilusão).

Sacerdotes (*stricto sensu*), pastores e políticos profissionais são também vendedores de ilusões assim como todos os que prometem e não cumprem, no sentido de que vendem e não-entregam (o que vendem). Mas reserva-se a categoria de condutores de rebanhos para os que pretendem liderar massas, comovê-las e mobilizá-las para que lhes sigam.

Na coletânea Histórias do Sr. Keuner, que reúne textos de Bertold Brecht escritos entre 1926 e 1956, encontra-se a deliciosa parábola "Se os Tubarões Fossem Homens" (17):

> *"Se os tubarões fossem homens, eles fariam construir resistentes caixas do mar para os peixes pequenos... A aula principal seria naturalmente a formação moral dos peixinhos. Eles seriam ensinados de que o ato mais grandioso e mais belo é o sacrifício alegre de um peixinho, e que todos eles deveriam acreditar nos tubarões, sobretudo quando esses dizem que velam pelo belo futuro*

dos peixinhos. Se encucaria nos peixinhos que esse futuro só estaria garantido se aprendessem a obediência...

Se os tubarões fossem homens, eles naturalmente fariam guerra entre si a fim de conquistar caixas de peixes e peixinhos estrangeiros. Cada peixinho que na guerra matasse alguns peixinhos inimigos da outra língua... seria condecorado com uma pequena ordem das algas e receberia o título de herói...

Também haveria uma religião ali. Se os tubarões fossem homens, eles ensinariam essa religião. De que só na barriga dos tubarões é que começaria verdadeiramente a vida. Ademais, se os tubarões fossem homens, também acabaria a igualdade que hoje existe entre os peixinhos, alguns deles obteriam cargos e seriam postos acima dos outros. Os que fossem um pouquinho maiores poderiam inclusive comer os menores... E os peixinhos maiores que deteriam os cargos velariam pela ordem entre os peixinhos para que estes chegassem a ser professores, oficiais, engenheiros de construção de caixas e assim por diante. Curto e grosso, só então haveria civilização no mar, se os tubarões fossem homens".

Não poderia haver um fecho melhor para a reflexão deste texto. Brecht, provavelmente, criou a metáfora entre tubarões e peixinhos no contexto da luta de classes entre patrões e trabalhadores. No entanto, ela é tomada aqui para fazer referência aos mantenedores do velho mundo único que surgem em configurações deformadas do campo social. Que tipos de

configurações ensejam a reprodução de tubarões em vez de, por exemplo, golfinhos?

Como já foi dito, frequentemente as características das funções agenciadoras do velho mundo se misturam, incidindo, em maior ou menor grau, em uma mesma configuração de pessoas. É assim que ensinadores replicam ensinamentos forjados por codificadores de doutrinas que, por sua vez, constroem pirâmides para aprisionar corpos e tudo isso é feito em nome da necessidade de derrotar um inimigo que ameaça alguma identidade imaginária que foi artificialmente construída, não raro exigindo que grandes contingentes de pessoas fossem arrebanhadas (e despersonalizadas) por condutores de rebanhos para enfrentar tal inimigo, ele próprio construído sempre para justificar alguma hierarquia que foi erigida. Tudo isso é usar a Força para enfrear e represar fluzz.

Conquanto resilientes, essas velhas funções do mundo único exercidas, invariavelmente, para exterminar outros mundos, não têm conseguido barrar os novos papéis-sociais-fluzz que começam a emergir.

Notas e referências

(*) A palavra 'fluzz' nasceu de uma conversa informal do autor, no início de 2010, com Marcelo Estraviz, sobre o Buzz do Google. O autor observava que Buzz não captava adequadamente o fluxo da conversação, argumentando que era necessário criar outro tipo de plataforma (*i-based* e não *p-based*, quer dizer, baseada em interação, não em participação). Marcelo Estraviz respondeu com a interjeição 'fluzz', na ocasião mais como uma brincadeira, para tentar traduzir a idéia de Buzz+fluxo. Ulteriormente a idéia foi desenvolvida no livro-mãe Fluzz: vida humana e convivência social nos novos mundos altamente conectados do terceiro milênio (2011) e passou a não ter muito a ver com o programa malsucedido do Google. Fluzz (o fluxo interativo) é um conceito complexo, sintético, que talvez possa ser captado pela seguinte passagem: "*Tudo que flui é fluzz. Tudo que fluzz flui. Fluzz é o fluxo, que não pode ser aprisionado por qualquer mainframe. Porque fluzz é do metabolismo da rede. Ah!, sim, redes são fluições. Fluzz evoca o curso constante que não se expressa e que não pode ser sondado, nem sequer pronunciado do "lado de fora" do abismo: onde habitamos. No "lado de dentro" do abismo não há espaço nem tempo, ou melhor, há apenas o espaço-tempo dos fluxos. É de lá que aquilo (aquele) que flui sem cessar faz brotar todos os mundos... Em outras palavras, não existe uma mesma realidade para todos: são*

muitos os mundos. Tudo depende das fluições em que cada um se move, dos emaranhamentos que se tramam, das configurações de interação que se constelam e se desfazem, intermitentemente".

Este texto foi originalmente escrito e publicado em 2011 *no livro Fluzz: vida humana e convivência social nos novos mundos altamente conectados do terceiro milênio. São Paulo: Escola de Redes, 2011.*

(1) ABRAHAM, Ralph (1992) *in* ABRAHAM, Ralph, McKENNA, Terence & SHELDRAKE, Rupert (1992). Caos, criatividade e retorno do sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente, São Paulo: Cultrix, 1994.

(2) KRAMER, Samuel (1956). A história começa na Suméria. Lisboa: Europa-América, 1977.

(4) CAMPBELL, Joseph (1959): As máscaras de Deus (Volume I). São Paulo: Palas Athena, 1998.

(3) ABRAHAM. Ralph, McKENNA, Terence & SHELDRAKE, Rupert (1992). Caos, criatividade e o retorno do sagrado: triálogos nas fronteiras do Ocidente. São Paulo: Cultrix, 1994.

(5) LEICK, Gwendolyn (2001): Mesopotâmia: a invenção da cidade. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

(6) Os 'me' continuam sendo um enigma para os historiadores. A antropóloga e assirióloga Gwendolyn Leick (2001), no seu livro "Mesopotâmia: a invenção da cidade" (*ed. cit.*), escreve: *"Eridu, como a manifestação primária do Apsu, também era considerada o lugar do*

conhecimento, a fonte da sabedoria, sob o controle de Enki. Numerosas narrativas foram elaboradas em torno desse conceito. Eridu, como respositório de decretos divinos é descrita em uma narrativa suméria chamada "Enki e Inanna". Enki, escondido no Apsu, está na posse de todos os 'me', termo sumeriano que abrange todas aquelas instituições, leis, formas de comportamento social, emoções e símbolos de carga que, em sua totalidade, eram vistos como indispensáveis ao funcionamento regular do mundo. Esses 'me' pertenciam a Eridu e a Enki. Entretanto, Inanna, deusa da cidade de Uruque, deseja obter os 'me' para si própria e levá-los para Uruque. Com esse fim, ela desfralda velas para chegar a Eridu de barco, sempre o caminho mais fácil para ir de uma cidade da Mesopotâmia a outra. Enki toma conhecimento da chegada de Inanna e preocupa-se com as intenções dela. Instrui o seu vizir para a receber com todas as honras e preparar um banquete, no qual ambas as deidades bebem muita cerveja. Enki não tarda em adormecer, deixando o caminho livre para Inanna carregar os preciosos 'me' em seu barco, um por um, e zarpar. Quando Enki desperta da ébria sonolência e dá-se conta do que aconteceu, procura usar sua magia em uma tentativa de recuperar os 'me'. Inanna consegue rechaçar os demônios perseguidores e chegar sã e salva a Uruque. O desfecho da história não é claro, pois nenhuma das versões existentes do texto está suficientemente preservada, mas parece que uma terceira deidade logra a reconciliação entre Inanna e Enki. Esta é, obviamente, uma típica história de Uruque, concentrando-se nas deusas locais e em seu poder superior. Ao libertar os 'me' das profundezas do Apsu, Inanna podia não só ampliar seus próprios poderes, mas também fazer valer os seus decretos entre os humanos. A lista dos 'me' inclui a

realiza, as funções sacerdotais, os ofícios e a música, assim como as relações sexuais, a prostituição, a velhice, a justiça, a paz, o silêncio, a calúnia, o perjúrio, as artes dos escribas e a inteligência, entre muitos outros".

Muitos anos antes, o famoso sumeriologista Samuel Noah Kramer (1956), em *From the Tablets of Sumer (ed. cit.)* já havia observado:

"*Finalmente chegamos aos 'me', as leis divinas, normas e regras que, segundo os filósofos sumérios, governam o universo desde os dias da sua criação e o mantêm em funcionamento. Neste domínio possuímos considerável documentação direta, particularmente em relação ao 'me' que governam o homem e a sua cultura. Um dos antigos poetas sumérios, ao compor ou redigir um dos seus mitos, julgou que vinha a propósito dar uma lista dos 'me' relacionados com a cultura. Divide a civilização, segundo o conhecimento que dela tinha, em uma centena de elementos. No estado atual do texto são apenas inteligíveis cerca de sessenta e alguns são palavras mutiladas que, sem contexto explicativo, apenas nos dão uma vaga idéia do seu real sentido. Mas ainda subsistem os suficientes para nos mostrar o caráter e a importância da primeira tentativa registrada de análise da cultura, que resultou em uma lista considerável de o que é hoje geralmente designado por "elementos e complexos culturais". Estes compõem-se de várias instituições, certas funções de hierarquia sacerdotal, instrumentos de culto, comportamentos intelectuais e afetivos e diferentes crenças e dogmas. Eis a lista das partes mais inteligíveis e seguindo a própria ordem escolhida pelo antigo escritor sumério: 1 – Soberania; 2 – Divindade; 3 - A sublime e permanente coroa; 4 - O trono*

real; 5 - O sublime cetro; 6 - As insígnias reais; 7 - O sublime santuário; 8 - O pastoreio; 9 - A realeza; 10 - A durável senhoria; 11 - A "divina senhora" (dignidade sacerdotal); 12 – O ishib (dignidade sacerdotal); 13 – O lumah (dignidade sacerdotal); 14 – O gutug (dignidade sacerdotal)…" [A lista segue até o número 67].

Essas "fórmulas divinas" (os 'me') reforçam a idéia da existência de uma espécie de protótipo. Os 'me' parecem ser códigos replicativos para criar e reproduzir um determinado tipo de civilização (ou padrão societário). A existência material ou ideal dos 'me' como conhecimentos armazenáveis em objetos que podiam ser transportados, evidencia que os sumérios não apenas desenvolveram historicamente o que chamamos de civilização. Eles também sistematizaram teoricamente um modelo dessa civilização para ser replicado em outros locais.

Mas o mais relevante é a ordem em que aparecem tais "elementos culturais". Os seres humanos e suas características próprias e qualidades distintivas só vão surgir lá pelo quadragésimo lugar. O *schema* é mítico, sacerdotal, hierárquico e autocrático. Aliás, pode-se dizer que essas "fórmulas divinas" são fórmulas da autocracia em "estado puro".

E *havia um ensinamento* organizado sobre tudo isso. Pois bem. Tal ensinamento a ser replicado foi o motivo de haver um ensino. Para mais informações pode-se ler os textos indicados por LEICK (2001) e por KRAMER (1956). Ou pode-se tentar decifrar o material disponível:

Inana and Enki: cuneiform source translation at ETCSL (The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature, University of Oxford, England) in ETCSL translation:

http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.1.3.1#

Cf. ainda: *"What are 'me' anyway?" in Sumerian Mythology FAQ:*

http://home.comcast.net/~chris.s/sumer-faq.html#A1.5

(7) Existem outras maneiras não verticais de representar essa árvore das Sefirot. Cf. o blogpost "Sobre Kabbalah e redes: um abstruso paralelo heurístico":

http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/sobre-kabbalah-e-redes-um

(8) BLOOM, Harold (1975). Cabala e crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

(9) MATURANA, Humberto & VERDEN-ZÖLLER, Gerda (1993). Amor y Juego: fundamentos olvidados de lo humano – desde el Patriarcado a la Democracia. Santiago: Editorial Instituto de Terapia Cognitiva, 1997. (Existe tradução brasileira: Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004).

(10) FRANCO, Augusto (2008). Escola de Redes: Novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e o mundo glocalizado. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008.

(11) FRANCO, Augusto (2008): O Olho de Hórus. Disponível em

http://escoladeredes.ning.com/profiles/blogs/o-olho-de-horus

(12) OSHO (Bhagwan Shree Rajneesh) (1978). A revolução: conversas sobre Kabir. São Paulo: Academia de Inteligência, 2008.

(13) Idem.

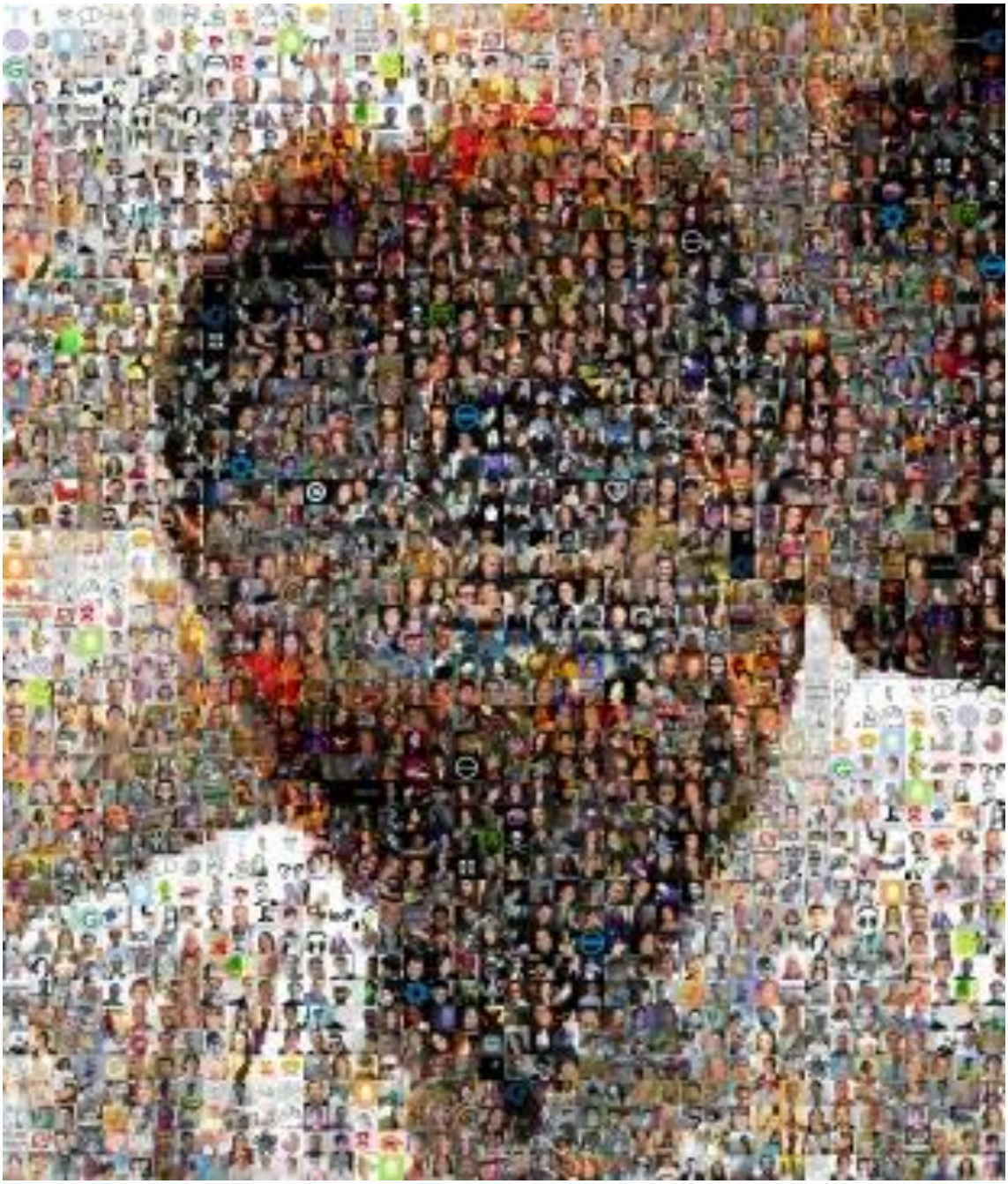
(14) Comunicação pessoal ao autor de José Rocha: Frei Mateus Rocha (1923-1985). Para saber quem foi José Rocha cf. POLETTO, Ivo (org.) (2003). Frei Mateus Rocha: um homem apaixonado pelo absoluto. São Paulo: Loyola, 2003.

(15) Agregadores de blogs que foram inventados com base em RSS não resolvem o problema. O fato de se ter vários blogs em uma mesma página, atualizando automaticamente as primeiras palavras das postagens mais recentes de cada blog, não garante, nem favorece muito, qualquer tipo de interação mais efetiva. Esses *softwares* produzem apenas índices ilustrados dos blogs que foram agregados por iniciativa única e exclusiva do administrador da página. Caso haja reciprocidade, ou seja, se todos os agregados por um blog também agregarem os demais nos seus blogs, essas ferramentas são boas para formar um grupo seleto (e necessariamente pequeno, por motivos óbvios) de pessoas que se leem. Também podem ser bastante úteis no caso de uma corporação (onde, porém, o acesso à página agregada é, via de regra, fechado, pois, afinal, uma corporação precisa se proteger da concorrência...) ou de uma comunidade já existente. Mas, em geral, não são ferramentas eficazes de *netweaving*, pois ninguém fica sabendo – a não ser que abra seguidamente, várias vezes por dia, todos os blogs – o que cada um está dizendo, no seu próprio blog, sobre o que outros postaram, nos deles.

Ademais, não são viáveis para organizar o compartilhamento de agendas (a única coisa que pode realmente "produzir" comunidade). As velhas listas de e-mails com seus fóruns derivados são mais eficazes para esse propósito.

(16) SCHMOOKLER, Andrew (1991): "O reconhecimento de nossa cisão interior" *in* ZWEIG, Connie e ABRAMS, Jeremiah (orgs.). Ao Encontro da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1994.

(17) BRECHT, Bertold (1926-1956). Histórias do Sr. Keuner. São Paulo: Editora 34, 2006.



Augusto de Franco é escritor, palestrante e consultor. É o criador e um dos *netweavers* da Escola-de-Redes – uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de *netweaving*. É autor de mais de duas dezenas de livros sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais.